

O Enigma do Dom

Godelier, Maurice. *“L'énigme du don”*.
Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996.

Miguel Carid Naveira

Mestrando, PPGAS-UFSC

Maurice Godelier, antropólogo francês formado em filosofia, aborda desta vez um tema clássico na disciplina, – partindo do “Essai sur le don” de Marcel Mauss e revendo seu legado à luz das novas pesquisas sobre o *Kula* na Melanésia –, o autor responde questões de diversas índoles: o que é realmente o que se doa?, o que é o sagrado?, o que se mantém à margem do mercado numa sociedade de mercado?

O livro visa resolver problemáticas de largo alcance, entre as quais a procura dos fundamentos do *socius* está presente nas discussões mais relevantes, é a partir da análise de sistemas de distribuição de bens como o *kula* ou o *Potlatch* e dos seus próprios dados recolhidos entre os Baruya da Nova Guiné que M. Godelier constrói suas respostas; mas não é por aqui que o livro começa. As partes se ligam para conformar um todo eclético e harmonioso. Eclético porque trata, ainda que brevemente, desde fatos da sociedade moderna, – solidariedade do Estado enquanto dom, com agudas observações a respeito do marco de ação de assuntos tão em moda como as ONGs, os meios de comunicação ou o caráter laico da caridade “moderna”, por exemplo –, até questões típicas das sociedades tribais à que dedica o maior número de páginas; aborda desde teorias gerais, centrando-se de forma crítica nos pressupostos lévi-straussianos – da primazia do simbólico sobre o imaginário, do significante sobre o significado, do inconsciente sobre o consciente –, até questões bem mais particulares como os objetos que se doam e aqueles que se guardam nos intercâmbios sociais, tema central do livro, vale dizer. Paradoxalmente, o enigma do dom se desvelará pela análise do que não se doa: o sagrado. Harmonioso porque todos os temas são atraídos pelo mesmo foco gravitacional: o que funda o social? de onde surge a sociedade?.

A primeira parte introdutória e que ao mesmo tempo fica fora da estrutura capitular, completa-se com o quarto e último capítulo: o dom desencantado. Começa e finaliza referindo-se à sociedade ocidental – como ele a chama – numa

demonstração da potência e pertinência das análises antropológicas no esclarecimento de problemáticas que têm o homem moderno como protagonista. O estranhamento nasce aqui não tanto do exótico ou do distante quanto do próximo, da própria medula às vezes tão surpreendente e desconhecida como o mais longínquo dos povos estudados pela antropologia tradicional: grupos “exóticos”, segmentos marginais, situações diferenciais... Lembrando Derrida, a diagonal como dinâmica de abordagem.

No âmbito do livro, dois temas principais: o que se doa e, conseqüentemente, as relações de intercâmbio focalizadas nos exemplos etnográficos do *kula* e do *potlatch*, e o que não se doa: o sagrado. Mas a análise desses fatos concretos vai além e se envolve num diálogo contínuo com o legado de Mauss, sobretudo com a obra de Lévi-Strauss, na procura da base fundamental do social. Se, para este último, a explicação estaria do lado do símbolo, M. Godelier dará maior importância ao imaginário ficando do lado do significado, representações imaginárias cheias de conteúdo através das quais os agentes sociais explicarão o sentido de suas ações e as legitimarão. O conceito de tradição como legitimação, num sentido mais restrito, o sagrado, é uma idéia que paira como pano de fundo de toda a obra.

Numa perspectiva temporal “L’énigme du don” é uma procura das origens que, a meu ver, se encontra com um osso duro de roer: o fato irredutível da simultaneidade. É preciso escolher entre o simbólico e o imaginário? Abreviando, o simbólico estaria do lado do inconsciente, do significante, do universal; o imaginário do consciente, do significado, da história, e é aqui que a grande efígie se alça poderosa: porque o homem parte de seus limites para produzir ilimitadamente e não pode mais ignorar o seu produto. Quê é o que predetermina o social, a lógica do simbólico ou a do imaginário?. A meu ver, o simbólico sem o imaginário é o vazio que está por preencher, o imaginário sem a existência do simbólico é um contra-senso. Quiçá não seja necessário escolher.

Há de se reconhecer o mérito em rever um tema já consagrado como é o do dom e os sistemas de reciprocidade, sem adotar uma crítica fácil desde o privilégio que o presente dá, nem deixar-se levar pela não menos fácil reverência aos fundadores da disciplina. Estudos como esse revelam o quanto de novo um pensador insistente pode tirar dos temas clássicos que pareciam finalmente esgotados. Godelier compromete-se com o esclarecimento, tentando tomar dos outros o que neles considera de produtivo, as críticas serão bem recebidas até pelos leitores que não compartilhem sua análise.